

Descortinando os espaços do ensino: o professor e a motivação nas aulas de história.

Ana Paula da Cruz Pereira de Moraes

Mestranda em História – PPGH/UFGG

cliohistoria@ymail.com

Palavras-chave: ensino de história; prática pedagógica; ensino-aprendizagem

A sala de aula é um espaço permeado por diversas ações e posicionamentos, envolvendo dois atores importantes: o professor e o aluno. Em alguns momentos o encontro entre eles, dentro do ensino da disciplina história, tem sido marcado por dificuldades relacionadas à motivação e ao entusiasmo na ação de ensinar e aprender sobre o passado. O presente artigo tem por objetivo promover uma reflexão em torno da prática pedagógica do professor de história tendo em vista trazer alternativas para melhoria do processo de ensino-aprendizagem dentro da sala de aula. A nossa escrita estará pautada em duas colunas, a primeira com suporte em uma teoria sobre ensino de história e a segunda, na nossa prática de ensino e na observação *in locus* de atitudes de professores de história e alunos inseridos no desempenho da construção do conhecimento histórico.

Iremos escrever de uma forma que ainda não tentamos, vamos tomar a liberdade de intercalar reflexões intuitivas com elucubrações elaboradas a partir de fundamentações teóricas do ensino de história. Nesse momento nos lembramos de certo momento de aula onde como parte de um conjunto de alunos a participar de uma aula, vimos uma colega, no primeiro dia de aula de história abrir seu caderninho para fazer anotações. Era um caderno novo de folhas brancas, com linhas perfeitas. Acreditamos que para ela, ele fosse um caderno bonito e agradável. Acreditamos que aquele caderno, de certa forma, relatava a esperança da jovem diante da aula de história que iria assistir, vivenciar. Pensamos no momento, um caderno em branco que poderá acompanhá-la a vários lugares do conhecimento histórico. Nele estavam as suas esperanças de montar um bom projeto de pesquisa e quem sabe aquele caderno marcasse uma mudança na sua vida, saindo de uma letargia intelectual para o retorno ao mundo da pesquisa acadêmica em história, já que a jovem estava com aluna especial em uma disciplina de pós-graduação em história.

Um caderno, uma esperança de uma aula de história que abrisse caminhos para a criação (enquanto construção) de uma pesquisa que poderia mudar a vida de uma jovem estudante. O que a aula significou para ela, não o sabemos. Se sua vida acadêmica em história se despertou, também não sabemos. Mas o que temos de certeza é que tantas crianças e jovens pelo Brasil a fora assistem, literalmente, apáticos a aulas de história. Não estamos aqui para dizer porque isto acontece, mas para pensar no que está acontecendo e procurar propor algumas idéias de motivação dentro da sala de aula, que in ou felizmente, é uma responsabilidade do professor.

Óbvio que como parte de um corpo docente de professores do estado, sabemos claramente que o professor precisa ser motivado também para que sinta necessidade de ter compromisso.

Lecionar é um ofício, ou seja, ato de produzir algo. Quando o lecionar não produz o que faz parte de suas funções, no caso lecionar história, produzir conhecimento histórico dentro da sala de aula, ele se torna ineficaz, gerando desmotivação em ambos, professor e aluno.

Muito já tem se falado em uma postura renovada do professor e esta mudança vem acontecendo, apesar de ainda termos tantos professores que não recorrem à leitura, secam e tolhem o crescimento intelectual de tantos alunos de história. Talvez estejam repassando aos alunos a repressão que já sofrem diante do não reconhecimento social e estatal de sua profissão. Todavia, os alunos não têm culpa do que está acontecendo. É como se puníssemos um recém nascido pelos desacertos de seus pais.

A história é uma disciplina importante para a formação de pessoas cidadãs, pois o seu ensino tem como papel central “a formação da consciência histórica dos homens, possibilitando a construção de identidades, a elucidação do vivido, a intervenção social e praxes individual e coletiva”. Entretanto, a disciplina de história ainda é, por alguns professores, apresentada aos alunos como algo morto e sem vida, onde só existem fatos/marcos históricos extrínsecos que não estão ligados a realidade vivida pelos estudantes, ou que não manifestam nenhuma interferência sobre suas vidas. Desse modo, é compreensível percebermos em muitos desses estudantes, um posicionamento de decoradores de fatos, datas e personagens “mitológicos” ou “heroicizados”.

A nosso ver a história ganhará um novo matiz no ambiente escolar quando esta passar a ter um significado importante na vida de quem a estuda e a ensina. Segundo HOBBSBAWN, “ser membro de uma comunidade humana é situar-se em relação ao seu passado (ou da comunidade), ainda que seja para rejeitá-lo. O passado é, portanto, uma dimensão permanente da consciência humana, um componente inevitável das instituições, valores e outros padrões da sociedade humana”. Desse modo é possível criar um aspecto motivador para curiosidade histórica se elegermos **temáticas de estudo** como identidade, mulher, alimentação, violência, entre outros tantos assuntos que podem ser escolhidos, e que podem fazer parte do dia-a-dia das pessoas da comunidade.

Poderiam perguntar: mas isto não tornaria a aula de história um ambiente de anacronismos? Não, se o professor tiver oportunidade e a vontade de ler e se aprofundar historicamente sobre o tema e conseguir fazer os alunos perceberem que a nossa relação com o tempo e espaço pode ser redefinida sem negligenciarmos as diferenças que surgem historicamente na sociedade. Um exemplo: o tema raça hoje não tem a mesma conotação que no final do século XIX e início do século XX no Brasil, onde a idéia de branqueamento era apontada como saída e solução para as mazelas do país. Pensar a passagem do Império Brasileiro para a República levando como pano de fundo uma discussão sobre etnia e sociedade é algo interessantíssimo até para pensarmos o debate atual sobre preconceito, formação étnica

brasileira e desigualdade social. Provavelmente a sala de aula seria envolvida em um forte debate e participação dos alunos, onde concepções velhas seriam reelaboradas e transformadas em idéias novas e diferentes.

A sala de aula não é obrigatoriamente um lugar de respostas absolutas. Assim como para escrever história é preciso produzir uma narrativa viva e estimulante, aberta aos silêncios, às dúvidas, às possibilidades, a sala de aula de um professor/pesquisador também é um lugar de aprendizagem, mas também um espaço de dúvidas, de reflexão, de encanto pelo desconhecido que permanece desconhecido, afinal, os nossos atores sociais, estudados na (e nos livros de) história, estão ausentes, guardados em uma realidade que teve seu movimento próprio no passado próximo ou distante.

Existe uma fronteira entre o passado e presente, mas como toda fronteira ela é transitável. A sala de aula em história deve ser um espaço de trânsito livre entre presente e passado, quem sabe até, voltando um pouco o senso pragmático da história, discutindo as possibilidades de futuro. Tornar o espaço escolar é um território de reflexão é imprescindível para que o professor de história e aluno quebrem suas próprias barreiras. Eles são diferentes enquanto pessoas e como integrantes de espaços sociais específicos da escola, mas podem ser parceiros na construção do conhecimento histórico escolar.

Tanto aluno como professor possuem seus próprios ritmos, conhecimentos e experiências de vida, e isto não pode ser ignorado. Talvez a **aproximação da disciplina de história das vivências locais** seja um outro mecanismo de motivação da aprendizagem escolar em história. Não significa transformar os currículos de história de forma que haja uma especialização da aprendizagem em história local, seria cair em um localismo exagerada, mas aprofundar a história da comunidade como meio de revelar os próprios alunos e suas vivências como parte da história, tocando as histórias regionais e nacionais que aparecem nos livros.

Este é um ato seletivo e criativo ao mesmo tempo, que precisa partir do professor, assim como faz o historiador quando está em contato com as suas fontes, que ao selecioná-las e organizá-las já está tornando os registros, documentos compulsáveis. A sala de aula é o laboratório do professor de história que a todo instante deve assumir uma postura ativa na decisão do que vai ser estudado na sala de aula. Até porque “como ninguém é uma enciclopédia, a primeira coisa a fazer ao montarmos um curso é selecionar conteúdos” e “o professor não deve ter dó de abandonar assuntos quanto não conseguir uma resposta satisfatória à questão do porquê”, pois, “às vezes, mostra-se muito mais interessante ‘pular’ algumas páginas do livro didático ou da História [...] e dedicar o tempo [...] das aulas a temas como ‘a situação do índio no Brasil colonial’ (ao invés de ‘capitanias hereditárias’ e ‘governadores gerais’)”.

Assim sendo, selecionar temas nacionais e encontrar elementos da história local que faça conexão, é um ato seletivo e ao mesmo tempo complexo, pois exigirá muita leitura por parte do professor, todavia poderá ser gratificante, já que pode despertar uma boa participação dos

alunos. Fazê-los se sentir parte da história, passando assim o conhecimento histórico a ser algo vivo e estimulante.

A história ensinada deve está plena de **história de pessoas**, pois, a história é a “ciência do vivido”. Desse modo a história ensinada precisa trazer à tona, sujeitos que tem sentimentos, desejos, decepções, atores sociais que teatralizam e lutam por poder, pois “cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à sua morte” e “a história é sempre uma história da sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos”.

Fazer perceber que a história é feita de heróis, mas principalmente de pessoas comuns, pessoas anônimas, que por trás de uma revolução existem mães de famílias e jovens com sede de mudança, que na escravidão não só existiam castigos e submissão, mas burlas e mobilidade social, enfim, que tanto professores como alunos também são fazedores da história. Desse modo o professor ensina o “aluno a captar e a valorizar a diversidade dos pontos de vista”, a “levantar problemas”, a “participar do processo do fazer, do construir a História”.

Para que estas idéias entrem em prática caímos novamente é uma questão que há um bom tempo bem sendo discutida: a formação continuada de professores. A graduação é apenas um passo em direção a formação de um profissional de ensino de história. O aprofundamento desta formação é imprescindível para a sala de aula se torne um lugar motivado, até porque o desgaste, o cansaço sempre está presente na vida de quem trabalha e enquanto professores, com tantos afazeres e preocupação extra sala de aula, o esforço se torna ainda mais árduo. Por isso, é importante estarmos em permanente diálogo com outros professores/pesquisadores de história, participarmos de encontros e principalmente, estarmos em contínua relação com novas (e velhas) leituras.